

***A história Além da morte
“Aos jovens que pensam viver
sem Deus, gostaria de dizer: fa-
çam uma caça ao tesouro sem o
tesouro”.***

Giulia, 14 anos

A sua doença, um hino à vida

***Morreu em Bergamo na noite
da Via Crucis da JMJ***

***«Não tenho medo, vou ao en-
contro do Senhor: um lindo
fm”.***

FABIO FINAZZI

Esta é a história de Giulia Gabrieli, 14 anos, adoeceu com um tumor. Sabiam desde já que ela venceu. É verdade, não se curou: morreu na noite de 19 de agosto, em sua casa, no quarteirão de San Tomaso de'Calvi, em Bergamo, enquanto se concluía a Via Crucis dos jovens na Jornada Mundial da Juventude. Conseguiu. Transformou os seus dois anos de doença num crescimento espiritual que a levou a dialogar

com a sua morte: “agora sei que a minha história pode terminar somente de dois modos: ou, graças a um milagre, com a completa cura, que eu peço ao Senhor porque tenho tantos projetos para realizar. E gostaria de realizá-los eu mesma. Ou ir ao encontro do Senhor, que é uma coisa maravilhosa. Ambos são lindíssimos finais. O importante é que, como diz a beata Chiara Luce, seja feita a vontade de Deus”.

Giulia era assim: dizia estas coisas fantásticas, que a nós adultos medrosos parecem impronunciáveis, com a jovialidade dos seus 14 anos. E no entanto era uma menina normal. Queria sempre a sua normalidade: era bonita, luminosa, genuinamente teatral, amava viajar, vestir-se bem e

amava ir ao shopping. Uma explosão de refinada vitalidade, que a doença, misteriosamente, não bloqueou, mas amplificou.

O talento de escrever

Tinha o talento de escrever (duas vezes foi premiada num concurso literário “Contos do parque”).

Amava inventar histórias fantásticas, de aventuras. Por isto ela comparava a sua doença como a uma aventura. E refletia: “na verdade, as pessoas têm medo da doença, do sofrimento. Existem muitos doentes que ficam sós, todos os seus amigos desaparecem, assustados. Não precisa ter medo! Se os outros nos estão próximos, ao nosso lado, colocam uma mão nos ombros e nos dizem “Vamos, você consegue!”, é isto que nos dá a força de ir adiante. Se isto não acontece, pergunta-te: porque chegam tão longe? Se tiverem medo, então também devo temer... Porque deveria lutar pela cura se ninguém está ao meu lado?”

Não somente conhecia perfeitamente a sua doença, mas tinha aprendido a distinguir todo remédio, as contrariedades das quimioterapias. Com a sua amável mas forte personalidade, não poupava conselhos (eufemismo, seria melhor dizer diretrizes), aos médicos e enfermeiros da oncologia pediátrica de Bergamo. Mais ainda, acrescentava a sua decisiva sugestão de alegria: “se encontras a força para pensar: está bem, vou até o hospital, faço a quimio e volto para casa, é uma outra coisa. Certo, também eu quanto estou mal me pergunto: por que aconteceu a mim? Apenas melhor, digo: Sim, vá lá, passou”. Uma rizada e...”

A doença deve ser sem dramas

Devemos desdramatizar a doença, dizia sempre Giulia. E conseguia isto tão bem, que poucos dias antes de morrer



Estava escrevendo um livro sobre sua incrível história: será publicado.

constrangiu um dos seus médicos que visitava a sua casa, a imitar “aquela vez em que eu desmaiei e você me pegou rapidamente”. Ele teve que imitar e até ser fotografado. Aquela dramática tarde terminou com uma risada coletiva.

Eram os seus “super heróis”. Giulia tinha um relacionamento pessoal, especial, até mesmo confidencial com cada um deles. Os adorava, e era amplamente correspondida. E se enraivecava quando escutava na TV alguma notícia que falasse mal do sistema da saúde. “Se prestarem atenção não tem tanta diferença entre um super herói e um médico. Os super heróis salvam todos os dias a vida das pessoas, mesmo desconhecidas. E o mesmo se pode dizer dos médicos: ao invés de usarem as teias das aranhas como o Super Homem ou as asas como o Batman, usam os medicamentos. E do ponto de vista humano, são realmente imbatíveis”.

Podem portanto imaginar com que peso no coração os seus super heróis lhes comunicava um dia da “recaída”. O tumor, um sarcoma entre os mais agressivos, tenazmente comba-

tido por um ano e reduzido em um ângulo, se reapresentou. Mais forte que antes. Foi necessário recomeçar tudo. No consultório, os médicos empenhados tinham lágrimas nos olhos, que não será profissional mas altamente humano. Não conseguiam romper o gelo. Então Giulia, que como sempre tinha já entendido tudo, com um daqueles seus gestos espontâneos e solenes, levantou-se e os abraçou um por um (e quem a conheceu sabe o que eram os seus abraços...) E disse-lhes: “Se consegui uma vez enfrentar a quimio, posso conseguir também a segunda. Força, retomemos do início.” Em suma, os consolou, entendem?

E no entanto, insisto, Giulia era uma menina normal. Por exemplo, como todos os seus coetâneos, amava a música. E de modo especial, um grande clássico de Claudio Baglioni, na versão cantata da Laura Pausini: «Strada facendo». «Percorrendo a estrada, verás que não estás mais sozinho... me transmite mesmo um grande impulso: vá lá, conseguirás! Pela estrada encontrarás também tu um gancho no meio do céu... Sim, me dá leveza, uma grande esperança».

Percorrendo a estada Giulia encontrou a história de Chiara Luce Badano, morta em 1990, aos dezoito anos, por um tumor ósseo e proclamada beata em 25 de setembro de 2010. E somente Deus sabe o quanto foi providencial este encontro: “Ela morreu, porém soube viver esta experiência de modo tão luminoso e brilhante abandonando-se à vontade do Senhor. Quero aprender a segui-la, a fazer aquilo que ela conseguiu fazer não obstante a doença.

A doença não foi motivo para afastar-se do Senhor, mas para aproximar-se dEle...”

Mas Deus onde está?

Aproximar-se de Deus? Mas como, a doença te alcança, a tua vida é sempre mudada, o teu físico sempre mais debilitado e tu te aproximas a Deus ao

invés de gritar-Lhe toda a tua raiva?

Na verdade também Giulia a um dado momento ficou com “muita raiva”. E mais: desceu até o abismo

– o cristianismo abismo

– do meu Deus, meu Deus porque me abandonaste?

Contará, em seguida: “Eu continuava a dizer aos meus pais: mas Deus onde está? Agora que estou muito mal, tenho sobre mim de tudo, Deus onde está? Ele que diz que posso rezar, pode fazer grandes milagres, pode aliviar todas as dores porque não as tira de mim? Onde está?” Dias dramáticos, de autêntico desespero, os médicos pensam numa óbvia, previsível queda psicológica.

«As pessoas tem medo, e os doentes acabam sozinhos. Não quero que isto aconteça»

Lutava há dois anos contra um tumor “os meus médicos? São super heróis”

Mas Giulia procurava uma outra resposta e a encontrou em Pádua. A Pádua foi para a radioterapia e foi na basílica de Sant’Antonio, à procura de um pouco de paz. A um certo ponto uma senhora que rezava, nunca vista antes, colocou a mão sobre a sua mão doente. “Não me disse nada, mas tinha uma expressão no rosto como se me quisesse comunicar: força, segue adiante, consegues, Deus está contigo. Entrei com raiva, em lágrimas, num estado lastimável, saí da basílica com o sorriso, com a alegria de que Deus não me abandonou nunca. Estava tão perturbada pela dor que não conseguia senti-Lo junto a mim, mas na verdade penso que Ele me estivesse abraçando fortemen-

te. Quase não aguentasse...” A alegria. Tenham bem em mente esta palavra, porque nesta incrível mas muito real história parece a mais absurda e no entanto, ao final, se tornará a palavra chave.

Antes devo dizer uma outra paixão desta menina normal: Nossa Senhora. Abraçada de modo particular numa primeira viagem a Medjugorje. Depois, numa viagem mais recente, pedido pelos seus 14 anos, como presente, foi de ônibus com 50 pessoas entre amigos e parentes.

Explicou um dia, num testemunho público, não voava uma mosca - diante de dezenas de jovens: “ não existe uma palavra que possa descrever Medjugorje: posso somente dizer-lhes que o amor de Nossa Senhora é tão grande, é tão forte que explode em oração, conversões, amor para com o próximo”. Por si só a devoção mariana trás consigo uma outra paixão: aquela para o Rosário, recitado todas as tardes. Inusitado para uma juvenzinha? Pode ser. Mas Giulia te surpreendia sempre. Estava sempre um passo adiante.

E assim, exatamente naquelas semanas de sofrimento mais agudo, compôs ela mesma uma “oração de puro agradecimento”. Dizia: “Nas nossas orações, nas nossas ladainhas, pedimos sempre alguma coisa para nós ou para os outros. Não nos limitamos a dizer somente obriga-



da, sem pedir nada em troca.” Esta fórmula não existia. Ela a inventou e escreveu.

O exame 10 com louvor

No entanto a jovem normal desejava fortemente continuar a fazer as coisas normais da sua idade. Por exemplo o exame do terceiro ano do ensino médio. E encontrando não se sabe onde as energias, sustentada pelas professoras da escola no hospital (que ela amava profundamente e queria que fosse melhor conhecida e valorizada) e pelas prof. da sua Escola média Savoia, também desta vez ela conseguiu. Diversamente dos dados clínicos e diagnósticos, que já a consideravam morta. No escrito de italiano um tema magistral, inspirado no diário de um soldado em batalha. No exame oral, com toda a comissão do exame reunida no salão de casa, uma pequena tese sobre os horrores das guerras e da Shoah, com tanta aguda análise crítica do Guernica de Picasso. Tudo bem unido num fio vibrante: a transposição do seu sofrimento. Foi uma exposição de meia hora, concluída por um inusitado, mas apropriado aplauso em pé.

Resultado: 10 com louvor. Ao seu lado a amiga do coração que simplesmente – mas não casualmente segundo Giulia – também se chamava Chiara. (“é desde sempre a minha melhor amiga, ela é tudo pra mim”). Com a doença, crescia nela a ur-

gência de testemunhar aos jovens, sobretudo àqueles que pensam de não precisar de Deus, “empenhados numa frenética caça ao tesouro, mas sem o tesouro”. Eram dias de orações intensíssimas, de sofrimentos e oferecimentos particularmente pelos não crentes. Porque “cada um tem um Deus e Deus existe para todos” a idéias de um vídeo-testemunho. Mais uma vez conseguiu: a entrevista se tornaria logo um DVD.

Giulia, devemos dizer com a devida cautela e sem esagero, porém devemos dizer mudava frequentemente as (muitíssimas) pessoas que encontrava. Quem entrava na sua casa, naquele bunker de serenidade, mas também de privacidade e acolhida que é a sua família – partindo da mãe Sara, de papai Antônio e do pequeno, formidável Davide (9 anos) – se trazia o peso da angústia saía muito mais leve.

Giulia, por tanto, acreditava nos milagres.

Mas, as graças as pedia para os outros, não para si mesma: em particular para as crianças doentes conhecidas no hospital. Somente no final, quando o seu jugo por vezes era insuportável e todas as armas dos super heróis eram dramaticamente oferecidas, começou a pedir para si. Mas somente «se é a vontade do Senhor». Qual foi a vontade do Senhor vocês já a sabem. Na manhã de 19 de agosto, em Madrid, o seu Bispo Francesco,

que com ela tinha construído um forte diálogo e confidencial, contou a história de Giulia aos milhares e mais jovens bergamascos da JMJ. Não se sabia que estivesse tão mal. Pois na noite da Via Crucis, naquela noite a notícia que tinha “ido encontrar o Senhor”. No dia seguinte, sábado, celebrou por

ela a Missa com os jovens. E na manhã de segunda-feira, retornando de Madrid, algumas horas antes do funeral, recolhido em oração com a família, convidou a “corrigir” assim o eterno repouso: “A eterna alegria doa-lhe Senhor, resplandeça para ela a luz perpétua. Amém.”

Com esta palavra, alegria, tão adequada, termina (ou talvez inicia), a história de Giulia Gabrieli, a jovem doente de tumor. Que morreu. Mas conseguiu. Julguem vocês, crentes ou menos que sejam, se tudo isto não é um milagre.

P.S. Como podemos intuir, sobre a história de Giulia existe o quanto basta para escrever um livro. Na verdade este era o seu sonho. Quando o projeto foi apresentado às Paulinas de Milão, o editor decidiu em poucos minutos, sem hesitação: publique-se. O primeiro capítulo já está escrito. Tudo o mais virá por si. Porque alguém, que a amou como filha sem que o padre fosse ciumento, foi escolhido – por Giulia – para conservar os seus escritos, registrar os seus testemunhos públicos, recolher as suas confidências. E agora completará obra a sua caneta e deixando que seja ela a escrever. O livro terá como título: “um gancho no meio do céu”.

FAMILIARES E AMIGOS ESTÃO REALIZANDO

UM BLOG DEDICADO A GIULIA. SE ALGUÉM QUISE ENVIAR MENSAGENS OU REFLEXÕES, PODE ESCREVER A: giulia03@gmail.com

